

UM ANO À FRENTE DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Prestação de contas no ato de transferência do cargo, em 29/03/2005

Marcos Dantas^{*}

^{*} Secretário de Educação a Distância do MEC (fev. 2004- mar. 2005), D.Sc em Engenharia de Produção pela COPPE-UFRJ, Professor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

No início de 2004, início também do segundo ano de Governo Lula, quando assumi a Secretaria de Educação a Distância, poder-se-ia afirmar que o País e o Governo tinham alguns programas baseados na educação a distância e na aplicação de tecnologias digitais em educação, **mas não tinham uma política para essa área**. Ao deixar o cargo de Secretário, posso dizer, com absoluta e tranquila certeza, que temos uma clara definição programática e um discurso político.

Por força de sua própria história, a SEED implementava, no início de 2004, um mosaico de programas e projetos fragmentados e desconectados, agrupados em três diretorias que respondiam, uma, exclusivamente pelo TV Escola, outra pelo Pro-Info e a terceira denominada de Política, pouco formulava politicamente e mais cuidava dos programas não gerenciados pelas duas primeiras, a exemplo do ProFormação e do curso “TV na Escola, os desafios de hoje”.

Hoje, lego ao professor Ronaldo Mota, meu sucessor, uma Secretaria que implementa um projeto político articulado e coerente. Temos três diretorias, **por mim** criadas: Política, Conteúdos e Capacitação, e Infra-estrutura Tecnológica. A primeira é destinada a pensar em um projeto de longo prazo e fomentar as ações daí decorrentes. A segunda está voltada para a oferta de cursos e materiais que permitam à escola pública incorporar as tecnologias de informação e comunicação aos processos de ensino-aprendizagem. A terceira, como seu nome diz, visa dotar o ensino público brasileiro da infra-estrutura necessária em TICs: conexões, redes, computadores, receptores de sinal de televisão etc.

Esta nova estrutura está norteadada por um projeto político que eu, não vindo originalmente do campo das políticas públicas em Educação, mas do campo das políticas públicas industrial-tecnológicas, somente poderia formular após aqui chegar e conhecer melhor a área onde estava pisando. Foi o que fiz nos dois a três primeiros meses no

cargo e, a rigor, continuei fazendo ao longo de todo o ano passado, a cada visita a algum município, suas autoridades, seus professores, de São Luis a Porto Alegre, de Recife a Palmas; a cada conversa com pensadores da área, a nossa gurú Léa Fagundes, nossa amiga Beth Rondelli, nossa petista Sônia Sette, nosso cordial crítico Nelson Pretto, nossa arguta Iara Franco, e se quisesse citar todos, esqueceria alguém; no diálogo permanente com meus companheiros de trabalho. Foi assim que entendi e já podia anunciar, por volta de junho, julho do ano passado, que a SEED iria se empenhar em buscar uma radical transformação e profunda melhoria da qualidade do ensino básico brasileiro, nele introduzindo conteúdos didáticos digitais e processos de ensino-aprendi-zagem modelados nas TICs. Estava con-vencido de que a vocação desta Secretaria seria revolucionar o ensino brasileiro. Foi V. Excia., Sr. Ministro, quem me lançou publicamente tal repto, em palestra no Senado, lembra?

Saio consciente de que executei corretamente as minhas tarefas e vinha cumprindo a minha missão. Nada do que eu me propusera a fazer e dissera a V. Excia. e demais colegas de Ministério que iria fazer, estava deixando de ser feito. Concordo que num tempo mais lento do que eu mesmo gostaria. Exemplo: estamos divulgando, hoje, aqui, a minuta do projeto de decreto que regulamenta a educação a distância, um trabalho que deveria ter sido concluído em agosto ou setembro do ano passado, em conjunto com a SESU e a CAPES. Debates e construção de consenso, às vezes, levam tempo. O Conselho Nacional de Educação pediu para contri-buir. Concordei. Somente obtive retorno, com boas sugestões, aliás, em dezembro último, vencido completamente o crono-grama. Somente dirimimos nossas últimas diferenças com a CAPES, em janeiro. Saio, entregando a minuta para o debate público.

Das três Diretorias que eu criei, a de Política andou mais rápido. Levava a vantagem de não herdar, digamos assim, “ranços” do passado. Os projetos antes condu-

zidos pela antiga Diretoria de Política, passaram para as outras diretorias. O professor Sergio Franco e sua equipe (e citando dois nomes desta equipe, quero, através deles homenagear e agradecer a toda a equipe da SEED, os professores Aloylson e Tânia Castro, não somente pelo que fizeram mas, sobretudo, pelos dramas pessoais que enfrentam, sem deixarem, em momento algum, de atender seus compromissos profissionais) – Sergio e sua equipe receberam três tarefas: montar os consórcios de Universidades Públicas para oferecer cursos de licenciatura a distância; coordenar a redação do decreto de EAD; realizar o Congresso de EAD, no Rio de Janeiro. Começaram a trabalhar nelas, conforme comunicado ao conjunto dos Secretários do MEC e ao Sr. Ministro e seus assessores mais próximos, nas nossas reuniões coletivas do Secretariado, em outros encontros de trabalho, e em muitos papéis elaborados a pedido do Gabinete, entre junho e agosto do ano passado. A terceira tarefa nasceu de uma decisão posterior, por volta de setembro.

A montagem dos consórcios representou a demarcação de um projeto e implicou na tomada de uma decisão política. Foi o início do apoio direto do MEC à expansão do ensino a distância nas instituições universitárias públicas. A gestão do Ministro Cristóvão Buarque introduzira no PPA-2004/2007 e na LOA-2004 recursos especialmente consignados para tal. Era, e é, portanto, um programa que podemos atribuir, por inteiro, ao Governo Lula. Mas quando aqui cheguei, a SEED tendia a gastar esse dinheiro ao sabor das demandas de “balcão”. Tive que honrá-las. Mas estabeleci um modelo que me parecia mais racional e econômico, explorando as sinergias que a educação a distância e as TICs viabilizam: o consórcio de universidades. Era um modelo que já se vinha expandindo no ensino superior público brasileiro, como é exemplo o CEDERJ, do professor Carlos Bielschowski, por cujo apoio e sugestões muito agradeço. Faltava a decisão de assumir esse modelo como política de Governo. O êxito da primeira chamada que fizemos, reunindo 39 instituições e abrindo 17.400 vagas no ensino superior público, demonstra a total

viabilidade do modelo e aponta um caminho que, espero, venha a ser consolidado.

Sobre o projeto de decreto, já falei. Sobre o Congresso, tratou-se do **principal evento político da área de educação a distância, em 2004**. Este Congresso, organizado pela UNIREDE, quase não se realizava no ano passado. Aconteceu graças à minha decisão de apoiá-lo, e à mobilização da SEED, nos meses de outubro e novembro passados, para que acontecesse. Foi um momento marcante de rearticulação do setor, reencontro e remobilização das pessoas, retomada de vínculos entre o MEC e os militantes da causa da educação a distância, na universidade pública, como o é a nossa batalhadora professora Selma Leite, a quem sou muito grato pelo estímulo e bons conselhos. Foi mais: há dois anos, sim, há dois anos, não se reuniam os coordenadores e técnicos vinculados, nos Estados, aos nossos programas ProInfo, TV Escola e outros. A última reunião coletiva desses programas ocorrera ainda nos idos do governo FHC. Fizemos, durante o Congresso, a **primeira** reunião de todo esse time, no nosso Governo – cerca de 50 pessoas, vindas de todo o Brasil.

Professor Sergio Roberto Franco: parabéns pelo seu trabalho, obrigado pelo seu apoio. Foi um prazer conhecê-lo e uma honra contar com você na nossa equipe. Em pouco mais de 6 a 7 meses de trabalho prático, depois de definidas nossas metas para 2004, e apenas começando a conhecer como se articulam (ou não se articulam) as secretarias e diretorias deste enorme MEC, você fez a sua parte. Espero que, em 2005, possa fazer muito mais, até porque eu, você, toda a equipe estamos deixando nossa Secretaria muito mais “azeitada”...

A criação da Diretoria de Produção de Conteúdos e de Capacitação representou **uma completa inovação e radical modificação na filosofia e objetivos desta SEED**. Até então, o centro do trabalho desta Secretaria, era, para todos os efeitos práticos e políticos, a compra e distribuição a estados e municípios, de computadores, receptores de televisão ou antenas parabóli-

cas. O mais, como a produção de programas de televisão, cada vez mais, inclusive ainda no primeiro ano do nosso Governo, reduzida à simples compra de audiovisual educativo estrangeiro; ou a capacitação de professores para uso de informática, não raro reduzida na prática (ainda que não nos discursos) a um mero treinamento para utilização de aplicativos Microsoft em sala de aula; o mais eram atividades ancilares.

A partir de junho a agosto do ano passado, conforme também expus, à época, em apresentações e relatórios, a DPCEAD começou a desenvolver todo um programa de produção de conteúdos educacionais multimeios, visando, por um lado, introduzir um novo tipo de produto didático-pedagógico nas escolas, adequado a explorar toda a potencialidade informacional e cognitiva das TICs; e, por outro lado, ampliar substantivamente a produção nacional, em detrimento da estrangeira. Se V. Excia queria uma revolução, isto seria uma revolução!

Não havia nada **antes** para dar qualquer suporte inicial a um tal projeto – **nada!** Seria necessário realizar pesquisas e desenvolvimento tecnológico de produtos; seria necessário elaborar, com os agentes interessados, um modelo de negócios; seria necessário, inclusive, buscar soluções criativas para a contratação de fornecedores selecionados que contornassem as amarras legais e jurídicas impostas, nos últimos anos, ao desenvolvimento brasileiro. Por formação e convicção política, iríamos utilizar, sim, o poder de compra do Governo e o poder de financiamento do Governo para alavancar uma indústria nacional de produção de conteúdos educativos multimeios.

Durante o segundo semestre, a Professora Carmen Neves e sua equipe trabalharam com o VisionLab da PUC-Rio e com a Escola de Medicina da USP para definir um primeiro protótipo do que poderia ser um “conteúdo multimeios” ou “conteúdo expandido”. Nosso primeiro produto seria o “Homem Virtual”, um modelo computadorizado de corpo humano destinado às aulas de anatomia humana, em escolas básicas ou

técnicas. Construído o protótipo, a etapa seguinte seria transferir a tecnologia para empresas nacionais e, de algumas delas, adquirir o produto final, para disseminação nas escolas, através de diferentes meios possíveis: internet, DVD, até mesmo a simples televisão (embora, claro, aqui, com perda de suas possibilidades interativas). Em algum momento, ainda no primeiro semestre deste ano, iríamos anunciar uma chamada pública para selecionar as empresas, já estando em curso, inclusive, conversações com a FINEP para assegurar, tanto recursos de financiamento, como substrato legal, aos nossos atos. **Estávamos dando os primeiros passos para implantar, no Brasil, uma completa cadeia produtiva de audiovisual multimeios voltada para a educação.**

Sou grato ao professor Paulo Badaró, da PUC-Rio, sou grato ao professor Chao, da Escola de Medicina da USP, que, acreditando na proposta e, gratuitamente, com outros membros de suas equipes, trabalharam conosco meses a fio para viabilizar este projeto. Uma vez que tínhamos claro o que queríamos (e quem possui experiência real em desenvolvimento tecnológico sabe das dificuldades e do tempo necessário para superá-las), uma vez amadurecida as idéias e o projeto, bem como, também, satisfeitas todas as exigências burocráticas e jurídicas (e como se perde tempo com isso!), pude afinal firmar, no dia 1º de março último, pude firmar um convênio com a PUC, ao qual se deve seguir outro com a Medicina da USP, para dar abrigo legal e administrativo ao trabalho que já vinha sendo realizado. Era nossa intenção inclusive, por esses dias, organizar uma solenidade comemorativa. Mas já sabendo das mudanças que viriam, não houve “clima”...

A DPCEAD não se limitou a este trabalho que **estava construindo, na prática, o novo perfil da SEED**. Ao mesmo tempo, não se descuidou do ProFormação, concluindo a terceira turma e dando início à quarta. Preparou quatro novas séries para irem ao ar na TV Escola e revitalizarem a sua já cansada programação, estando em fase final a licitação das empresas produtoras, para

que entrem no ar ainda neste semestre. Deu uma nova dimensão ao programa RIVED, oriundo do antigo ProInfo, de produção de “objetos de aprendizagem”, através de convênios com 12 universidades que, por um lado, iriam trabalhar no desenvolvimento desses objetos e, por outro, iriam capacitar professores da rede pública para os utilizarem.

“Objetos de aprendizagem” são uma espécie de softwares de simulação com finalidades didáticas. Não demora, serão ferramentas de ensino-aprendizagem tão ou mais importantes do que os livros didáticos. A ampliação do RIVED integrava-se necessariamente ao nosso projeto de desenvolvimento de conteúdos multimeios e de fomento de uma indústria nacional para produzi-los. Adverti o Sr. Ministro, ao voltar de uma instrutiva viagem à Inglaterra, por cuja eficaz organização muito agradeço à professora Thais Waismann, da USP, adverti que está surgindo lá fora uma indústria de conteúdos multimeios educativos que vê o mundo como o seu mercado. Conheci lá uma agência semi-governamental, denominada pelas iniciais BECTA, que já está fazendo justamente o que eu nos proponha fazer na SEED. Deve o Brasil investir celeremente na criação e consolidação de sua própria indústria de conteúdos didáticos multimeios, sob pena de, não demora muito, vir a ser mero importador desses produtos que, aliás, já começam a nos ser oferecidos pela BBC, Discovery, Microsoft e outras grandes corporações globais.

Professora Carmen Neves: parabéns pelo seu trabalho, obrigado pelo seu apoio. Foi um prazer conhecê-la e uma honra contar com você na nossa equipe. Seu nome está indelevelmente gravado na história da SEED, na concepção e implantação de programas como o TV Escola, o ProFormação e outros, esperando eu que esta nova fase pela qual você tanto lutou, do desenvolvimento de conteúdos multimeios, possa seguir em frente. Em pouco mais de 6 a 7 meses de trabalho, depois de definidas as nossas metas para a SEED em 2004, você fez a sua parte, não raro perdendo um tempo enorme com uma quantidade irritan-

te de impecilhos e questionamentos burocráticos. Espero que, em 2005, você possa fazer muito mais, até porque eu, você, toda a equipe, repito, estamos deixando nossa Secretaria muito mais “azeitada”...

Peço-lhes, senhoras e senhores, um pouco mais de paciência, pois ainda preciso falar da DITEC.

O matemático Jean Marc Mutzig e seu pessoal tinham uma tarefa relativamente fácil, pela frente: adquirir cerca de 5 mil computadores para equipar 500 novas escolas públicas em todo o Brasil. Fácil porque essa equipe já tinha grande experiência em coordenar a distribuição de computadores por todo o Brasil, com tudo o que isto implica, inclusive em arranjos legais e jurídicos. Fácil também porque tínhamos verba orçamentária, para isso. Em 2003, o professor Teatini, o secretário que me antecedeu, não contou com essa vantagem.

Mas esta foi a sua única tarefa que me permito considerar fácil.

Já aí tive que tomar uma decisão que lhe acrescentaria complicadores. A política do MEC até então, política que se prolongava no nosso Governo, era a de adquirir computadores para o ProInfo, carregados com dois sistemas operacionais: Windows e Linux. O chamado “dual boot”. O MEC, antes de V. Excia. aqui chegar, estava sob pesadas críticas de outros setores do Governo, adeptos do software livre, por esta dubiedade. **Acabei com ela.** Determinei à DITEC que adquirisse os computadores sem sistemas operacionais e que oferecesse às escolas, quando da instalação das máquinas, um pacote de programas livres, incluindo o Linux e outros aplicativos de largo uso. De pronto, esta decisão acarretou uma economia de R\$ 2 milhões na compra das máquinas, pois não firmamos contratos de licenciamento de software. Mas geraria um problema: capacitar professores e técnicos no uso de programas livres. Com ajuda do ITI da Presidência da República, montamos um programa de capacitação destinado a formar multiplicadores nos cerca de 360 Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs)

existentes em todos os estados: dois a três multiplicadores por NTEs. Nos últimos meses de 2004, formamos cerca de 800 multiplicadores, prontos para iniciar, agora em março, o trabalho de disseminar por todo o Brasil a tecnologia e, principalmente, a cultura de uso de programas abertos e não-proprietários.

A DITEC recebeu uma segunda tarefa, bem mais complicada: levantar a situação da infra-estrutura da TV Escola. A SEED simplesmente não sabe quantas e quais escolas, em todo o Brasil, recebem efetivamente o sinal da TV Escola. O modo como este programa foi implantado, a quase dez anos atrás, deixou o MEC sem essa informação. Dizia-se que 51 mil escolas haviam recebido “kits” de antenas, televisão e vídeo-cassete. As estatísticas mais recentes contabilizavam 38 mil escolas conectadas ao Programa. Como, uma vez entregue os equipamentos, o MEC não se envolve na sua manutenção, é claro que, com o passar do tempo e ao sabor das verbas e prioridades de cada administração estadual ou municipal, a assistência técnica e renovação desses equipamentos tornar-se-ia bastante problemática. O pior aconteceu no final de 2002: o MEC, embora se aproximasse o final de um Governo, comprou 20 mil antenas parabólicas digitais para substituir as analógicas em um número igual de escolas. Detalhe: as condições do edital e do contrato estabeleciam 120 dias para a instalação de todas as novas antenas, 120 dias estes que, ainda por cima, correriam durante os meses de férias de verão. A empresa vencedora não cumpriu e não poderia cumprir semelhante contrato (mas assinou-o!), e, talvez por inexperiência e um tanto de imprudência, decisões foram tomadas em 2003 que só fizeram agravar o problema, gerando um contencioso que já saiu da esfera administrativa para a jurídica, e deixando milhares de escolas sem receber o sinal da nossa televisão.

Precisávamos, percebi pouco depois de assumir, conhecer realmente a situação. Determinei à DITEC, cuja totalidade do pessoal jamais tivera contato anterior com a TV Escola e seus problemas (lembrem-se

da estrutura anterior da SEED, que eu mudei), que fizesse um levantamento nacional das escolas que tivessem, ou não, antenas e demais aparelhos em funcionamento e uso. Para isto, agindo com rigor técnico, a DITEC fez, em primeiro lugar, um levantamento censitário no Distrito Federal. Levou mais de um mês visitando escola por escola, fotografando, registrando e anotando os problemas, **deduzindo assim o que poderia estar acontecendo no resto do Brasil, inclusive quanto à manutenção dos equipamentos, em geral.** Em seguida, um detalhado questionário foi enviado para as secretarias estaduais, ao mesmo tempo que outras visitas eram programadas. As respostas não chegam em 24 horas, mesmo porque até aquelas secretarias que agiram com toda a boa vontade, precisavam também de tempo para colher as informações em centenas de municípios Brasil a dentro. No início de dezembro, tínhamos um quadro quase completo da situação das antenas digitais, dependendo do grau maior ou menor de cooperação de cada secretaria e das viagens que o Jean Marc, pessoalmente, ou seus técnicos puderam realizar. Em 5 mil escolas, as antenas estavam funcionando e a programação da TV Escola vinha sendo utilizada. Em outras 10 mil escolas, elas não estavam instaladas ou não funcionavam. Sobre cerca de 5 mil escolas, ainda não obtivemos informações. Em relação às escolas não incluídas nesta primeira leva de substituições, onde, em princípio, as antenas analógicas não foram trocadas (presumivelmente, cerca de 15 mil escolas), ainda haveria um outro levantamento a fazer.

Medidas tomadas: treinar dois técnicos de NTEs, em cada estado, para instalar, onde necessário, dar suporte e manutenção às antenas digitais, lembrando, mais uma vez que, devido à antiga estrutura da SEED, eram poucos os NTEs que se envolviam com a TV Escola. Este treinamento foi concluído em novembro passado. Publicar na revista “TV Escola”, distribuída em dezembro último, um pequeno manual sobre instalação e manutenção de antenas digitais para orientar os diretores e professores de escolas públicas que quisessem resolver o

problema por iniciativa própria. Por fim, mas não por último, aproveitar uma sobra de orçamento e efetuar a compra de mais 3 mil antenas digitais, obviamente cuidando para não repetir, no edital e no contrato, os erros grosseiros que herdamos do governo anterior. Agora, com a reabertura das escolas, a DITEC/SEED está bem melhor preparada para acompanhar de perto o funcionamento e uso da infra-estrutura da TV Escola.

O grande projeto da DITEC, o grande projeto, **em termos mediáticos**, da SEED, eu me preparava para anunciar por estes próximos dias: **a conexão por banda larga de 10 mil escolas públicas**, em todo o Brasil. Esta proposta inverte, definitivamente, a lógica do ultrapassado ProInfo e sinaliza, no campo da infra-estrutura, uma grande mudança do perfil da SEED: de fornecedora de computadores para gestora de rede, rede esta que, vislumbrando a convergência tecnológica dos meios, tanto atenderá à conexão das escolas pela Internet, quanto à conexão dessas mesmas escolas por uma TV Escola a ser mais tarde digitalizada, ou poderá ser encaminhada por cabo. Como os demais projetos, este também foi definido, começou a ser amadurecido e foi convenientemente comunicado internamente, entre julho e agosto, do ano passado. Nosso objetivo seria construir uma Rede Nacional de Educação para colocar nossas escolas públicas em rede, e, apoiada nela, edificar um **Portal Nacional de Educação** que, também, está em fase de especificação para submissão a consulta pública, embora mais para o meio do ano.

Colocar banda larga em 10 mil escolas públicas significa dobrar, em um ano, o número atual de escolas públicas conectadas à Internet, em todo o Brasil. **Este é, Sr.Ministro, o maior programa de inclusão que nosso Governo poderia implementar.** E quase dispensaria boa parte dos outros...

Com ajuda do professor Nelson Simões, diretor-geral da Rede Nacional de Pesquisa, a quem muito agradeço, e contando com o trabalho inestimável da engenheira Fátima

de Figueiredo, assessora da SEED, viemos, secretário Haddad, estudando um modelo técnico para a conexão das escolas, modelo este que, hoje, encontra-se **praticamente pronto para ser submetido à consulta pública**, visando recolher sugestões de operadoras, de autoridades educacionais, do público em geral. Se os planos não forem mudados, o novo secretário Ronaldo Mota, assim como hoje anuncia o projeto de decreto de regulamentação da EAD, poderá, secretário Jairo Jorge, talvez na primeira quinzena de abril, anunciar um grande plano nacional de conexão das escolas à Internet.

Doutor Jean Marc: parabéns pelo seu trabalho, obrigado pelo seu apoio. Foi um prazer conhecê-lo e uma honra contar com você na nossa equipe. Em pouco mais de 6 a 7 meses de trabalho, depois de definidas as nossas metas para a SEED em 2004, você fez a sua parte, contando com uma equipe técnica e culturalmente habituada a tratar quase exclusivamente com processamento de dados, que precisou ampliar o raio de suas preocupações para a televisão, redes, todo o largo espectro de tecnologias que constituem a TICs. Espero que, em 2005, você possa fazer muito mais, até porque eu, você, toda a equipe, como já disse, estamos deixando nossa Secretaria muito mais “azeitada”...

Tenho falado amiúde de dificuldades burocráticas. Em princípio, devemos considerá-las “ossos do ofício”. Devemos contar com elas em nossas decisões e planejamento. Mas até a burocracia precisa seguir alguma rotina, algo muito difícil quando se herda um Estado destruído, um funcionalismo terceirizado, uma legislação e uma estrutura jurídica, que o projeto neo-liberal teve tempo suficiente para convenientemente adequar, e nos obriga a andar na bitola estreita do conservadorismo e da “mesmice”. Inovar parece proibido!

Herdei, por exemplo, em 2004, um orçamento sem nenhuma identidade com os nossos propósitos e, como todos sabem, sem chances de ser modificado até o ano seguinte. Pelo orçamento que tínhamos, a

SEED, consoante sua tradição, poderia comprar computadores, contratar serviços de produção de vídeos para a televisão, mas não tinha recursos para a conexão das escolas, ou para pesquisar novas tecno-logias. Sim: uma Secretaria que deve cuidar da incorporação de novas tecnologias aos processos de ensino-aprendizagem, não possuía uma ação de apoio e fomento à P&D. Se tivéssemos, professores Marcelo Zuffo, Gunnar Bedicks, Guido Lemos, a história da pesquisa de um sistema de TV digital para a TV Escola que, até hoje, não conseguimos deslançar, teria sido outra! Peço-lhes desculpas, sou-lhes devedor, bem como à diligente Zuldalice Vera, por esse trabalho de Sísifo...

Eu introduzi uma ação de fomento à P&D no orçamento de 2005, bem como R\$ 10 milhões em custeio destinados à conexão das escolas e ainda R\$ 9 milhões para a produção de conteúdos multimeios. Executamos praticamente todo o nosso orçamento de 2004, mas tivemos que mudar a estrutura orçamentária (o que dá trabalho junto ao Ministério do Planejamento) para poder executar o nosso projeto político em 2005.

Da equipe da SEED, cerca de 40% é terceirizada, outros 20% é “contratado temporário”. Funcionários de carreira são minoria, mal pagos, pouco qualificados, nem por isto, menos dedicados. Aliás, não raro esmeram-se na dedicação e na responsabilidade – e quero, através da prestimosa e eficientíssima Ivone Costa de Oliveira, homenagear toda o quadro de carreira da SEED e do MEC. Nossos opositores, Ministro, criticam-nos porque estamos expandindo o funcionalismo. Computam, apenas, os funcionários de carreira. Precisamos dizer com todas as letras: é MENTIRA que tenham eles reduzido o tamanho do funcionalismo estatal. Substituíram a carreira por um conjunto inadministrável de contratos terceirizados através de agências internacionais, fundações universitárias e, para as atividades menos qualificadas, empresas atravessadoras de mão-de-obra – “gatos”, como se diz na roça. A administração de pessoal virou um caos. E **ficou muito**

mais cara do que se estivéssemos, pura e simplesmente, pagando bons salários a funcionários qualificados de carreira.

Para que o trabalho na SEED não viesse a ser paralisado **agora em fevereiro**, tive que gerir, **muito incomodado**, esse tipo de situação, pois a sua correta e definitiva solução transcende em muito a própria instância de competência do MEC. É um política de Governo. Tivemos que renegociar e renovar contratos, atentos a todos os detalhes da lisura exigida, cuidando em adiar para o futuro mais remoto legalmente possível, a próxima possível quase-crise. Deixei tudo pratica-mente concluído, dependendo de detalhes para ser assinado. Você, professor Ronaldo Mota, herdará uma situação funcional que não lhe deverá dar as dores de cabeça que eu tive, nem lhe fará perder o tempo que eu perdi, até depois de 2006. Agradeço, por isto, e por muito mais que fez para facilitar o meu trabalho administrativo e tornar menos duras as minhas obrigações, à minha chefe de Gabinete, Sra. Denise Paulsen.

Ministro Tarso Genro,

O Brasil vem vivendo os últimos 20 a 30 anos, um longo e já cansativo processo de retrocesso econômico e social. Festejamos muito a reconquista da democracia. Passada a festa, continuamos vivenciando a apartação social, a exclusão, a miséria, a violência do condenados da terra; o cinismo, corrupção, impunidade de parte considerável de elites herdeiras de 500 anos de exploração predatória deste nosso País. Temos um Judas fácil de malhar por tanta desgraça: o projeto neo-liberal, a “herança maldita”... Nossos opositores também têm, se não a quem culpar, pelo menos a quem justificar: a “globalização”, “queda do Muro”, “tecnologias”...

O curioso é que, nesses mesmos 20 ou 30 anos, nem “projeto neo-liberal”, por um lado, nem “globalização”, por outro, bloquearam a transformação de países absolutamente sem importância outrora, a exemplo da Coreia ou da Finlândia, em potências econômicas mundiais. Ou alguém aqui, há

20 ou 30 anos, ouvira falar em Samsung, Hyundai, Nokia?...

A pergunta que cada um de vocês aqui, sobretudo meus companheiros de esquerda, deveriam fazer todas as noites, quando de suas orações, ou meditações, ou conversas cúmplices com esposas e esposos, a pergunta deveria ser: por que, nesses mesmos 20 ou 30 anos, o Brasil também não consolidou as suas Nokias e LGs? Ao contrário. Nesses mesmos 20 ou 30 anos, deixamos desnacionalizar ou fechar suas portas, empresas então extraordinariamente promissoras como a Procomp, a Cofap, a Consul, para não falar de uma Telebrás e tantas outras que entregamos à voragem do capital financeiro global em nome de nossa eterna opção preferencial pela dependência e periferia. E agora, já lá estão se indo a Garoto, a Varig, a Globo...

A diferença, companheiras e companheiros, é que aqueles países optaram por combater a pobreza, gerando riqueza. Nós optamos por combater a pobreza, distribuindo vales-isto, vales-aquilo. Aqueles países, optaram por combater a pobreza, investindo em indústria e tecnologia, buscando ocupar posições de liderança no comércio mundial de informação, comunicação, cultura, entretenimento. Nós optamos por combater a pobreza, distribuindo merenda e alimentos não perecíveis. A diferença é que aqueles países, há 20 ou 30 anos atrás, enxergaram onde estava a nova fronteira de acumulação do capitalismo global e se prepararam para ocupar posições avançadas nessa fronteira, enquanto nós optamos por voltarmos a ser exportadores de produtos primários semi-industrializados, ou melhor dizendo, mais claro e mais corretamente: optamos por importar tecnologias Monsanto, Cargill ou Massey-Ferguson para empacotá-las em grãos de soja ou carne de frango!

A pobreza se combate gerando riqueza. A riqueza de uma Nação vem do trabalho de seu povo. Quem disse isto pela primeira vez não foi Marx, foi Adam Smith. Mas o trabalho que produz riquezas, este muda, e pode mudar muito, ao longo do tempo. O

trabalho que produz riquezas hoje não é mais aquele que as produzia nos tempos de Adam Smith, ou mesmo de Marx. Sequer é aquele que produzia riquezas nos tempos de Ford... ou de Lênin, se preferirem. O trabalho que produz riquezas, hoje, é o trabalho com conhecimento, é o trabalho de processar informações e signos, é o trabalho científico-tecnológico, é o trabalho artístico e cultural. A Educação que hoje fornecemos às nossas crianças e jovens pobres é duplamente exclusiva: exclui devido à sua péssima qualidade, e exclui por estar conformada a um projeto político-ideológico que vem ignorando completamente as novas realidades do mundo do trabalho e da produção de riquezas. Aliás, é tão gritante a falência do ensino público brasileiro, que já está na hora de nos perguntarmos se tal situação não resulta de um modelo político-institucional inoperante e de um programa didático-pedagógico-curricular inviável.

Os países que lograram não ficar para trás nesta nova revolução científico-técnica mundial, os países que não foram atingidos nem pelo retrocesso “global”, nem pela miséria “neo-liberal”, chegaram onde chegaram porque, percebendo o mundo que se formava à frente, **e conscientes da extraordinária oportunidade que se abria para ocuparem um novo lugar nesse mundo**, entenderam que a Educação seria um componente intrínscico de um projeto nacional de desenvolvimento. Entenderam que não poderia haver investimento de maior retorno que o investimento em recursos humanos ou, como gostam alguns de dizer, “capital humano”. A Coreia não seria o que veio a ser, se não tivesse implementado um maciço programa educacional em todos os níveis, sem demagogias curriculares ou leniência disciplinar. **Este foi um autêntico programa de inclusão social** e, adotando outro termo da moda, de **inclusão digital**. Por isto, produzem hoje cientistas, engenheiros, técnicos que projetam e fabricam os Samsungs nossos de cada dia. Enquanto que nós pensamos que vamos resolver nossos problemas, colocando esses Samsungs em telecentros...

Entendendo esse mundo, vislumbrei a SEED como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino-aprendizagem na escola pública. Uma ou duas vezes, cheguei mesmo a comentar com o Secretário Fernando Haddad, sobre a possível conveniência de mudarmos o nome da Secretaria para Secretaria de Inovação Tecnológica, ou Secretaria de Tecnologia Educacional, ou algo similar.

Foquei meu trabalho e o da SEED no ensino básico. Até o fomento ao ensino superior que, relembro, não integrava os programas da Secretaria até 2003, visou as necessidades da escola pública, carente de professores em ciências exatas. Existe, atualmente, uma surda disputa entre a SEED e a SESU pela definição da política de EAD no ensino superior. Eu, meu caro Nelson Maculan, de bom grado, deixaria este assunto com você. Sequer fui chamado a integrar o GT da Reforma Universitária, o quê sinceramente não me incomodava, de tal modo me preocupava o ensino básico, para o qual, digo mais uma vez, estão voltados os grandes projetos da SEED.

Mas é fato que, subitamente, nomes ligados aos grandes grupos mundiais de educação a distância e notoriamente relacionados à nossa oposição política protestaram por incluir a EAD também na agenda da reforma universitária. Como outros tantos temas que, lá no fundo, nos unificam na pauta da divergência, trata-se, aí também, de priorizar os efeitos e, não, as causas.

Se quisermos ir às causas, gostemos ou não, a educação virou um grande negócio, ocupa uma das principais novas fronteiras de acumulação do capitalismo global, é também, por isto mesmo, uma extraordinária fonte de empregos e ocupações diretos e indiretos. A Educação vem fomentando novas cadeias produtivas que se internacionalizam a partir dos países centrais. Ouvimos dizer que 12% da receita de exportação da Austrália vem de serviços educacionais. Certamente, estão interessadíssimos em trocar educação por soja...

Se quisermos ir às causas, temos que discutir e encaminhar a articulação entre a Educação, em todos os seus níveis, e as novas fronteiras de acumulação e geração de trabalho e renda. O diploma universitário de um lado, precisa corresponder, na outra ponta, a uma economia produtiva que necessite empregar, **em larga escala**, esses universitários. Ou o engenheiro vai virar suco; o professor, motorista de taxi; e o cientista... vai para os Estados Unidos. A superação da nossa pobreza, passa por uma agressiva política de proteção e fomento a indústrias científico-tecnológicas, culturais, artísticas. Nisto, claro, cabe por inteiro um papel de destaque e liderança à Educação, como serviço público universal, por um lado; como vetor de produção industrial de fronteira, estímulo ao investimento e expansão dos empregos, por outro.

Ministro Tarso Genro,

Integrei com alegria e entusiasmo a sua equipe de trabalho. Sentirei saudades das risadas da professora Nice, do charme da Cândida (parabéns pelo seu aniversário!), da firmeza da Cláudia Dutra, dos juízos do Eliezer, das broncas do Maculan, do discurso industrializante (assim como o meu!) do professor Jorge Guimarães, das divergências com o Chagas, das brincadeiras do Paim – obrigado, Henrique, pelo apoio, pelos conselhos, pelo empenho em resolver tantos problemas no seu FNDE. Sou-lhe, Ministro, extremamente grato pela oportunidade ímpar que V. Excia. me deu, e esteja certo de que estas não são palavras protocolares. Tentei fazer o melhor que pude. Toda a política, todos os projetos que elaborei e comeci a encaminhar não nasceram do nada. Re-sultaram da convergência de minha história política e de vida com a história da SEED, da minha visão de mundo e de Brasil, com os programas, mesmo desconexos, que aqui encontrei. Uma convergência, aliás, que seria a única explicação possível para a confiança que em mim depositou V. Excia., faz pouco mais de um ano, ao indicar-me seu Secretário. Depois de um ano de **acúmulo** técnico, administrativo e político, sentia-me bem, confortável e muito disposto (ainda mais depois de

chegar de férias), para seguir executando as tarefas que o cargo me impunha. Se preciso sair, faço votos que o professor Ronaldo Mota (a quem também lego, além de tudo o que descrevi aqui, as eficientes, atenciosas e bem-humoradas Genoveva, Fernanda e Gisa, minhas secretárias), faça votos, Ro-

naldo, que você tenha mais êxito do que eu no encaminhamento dos problemas do dia a dia, e que seja mais feliz do que eu na busca de soluções que a Educação brasileira requer.

Muito obrigado!